

31 DEZ 1992

ESTADO DE SÃO PAULO

Economia - Brasil

102

QUINTA-FEIRA

A conta do florista

CÉLIO DE CASTRO

Na Europa, foram 13 anos, desde que Margaret Thatcher se converteu ao neoliberalismo. Nos EUA, tudo começou, em 81, com a eleição de Ronald Reagan, que deixou aterrorizado aquele



cientista do filme **De Volta para o Futuro**. Nem a América Latina escapou, e o Chile foi condenado a alguns anos da mais feroz das ditaduras do continente,* como se o autoritarismo fosse a porteira da democracia.

Só que, agora, chegou a conta do florista. E a conta é cara, se não cruel: recessão, desemprego, racismo e perseguição aos imigrantes depois de mais de uma década de neoliberalismo.

Na Inglaterra, o ministro da Fazenda, Norman Lamont, acaba de anunciar um pacote de US\$ 6 bilhões para reativar a combatida economia do País. Não foi por amor aos milhões de desempregados. O governo do primeiro-ministro John Major estava na iminência de ser derrubado na Câmara dos Comuns depois que 200 mil mineiros congestionaram as ruas de Londres para protestar contra o fechamento de 75% das minas de carvão que ainda funcionam no país.

Hoje, a Inglaterra não passa de uma potência de terceira categoria.

O país que serviu de refúgio a Karl Marx e a tantos perseguidos na 2ª Guerra Mundial hoje olha com suspeita e rancor seus cida-

dãos de origem oriental, africana ou caribenha.

Na Alemanha, os neonazistas — filhos do desemprego e da recessão — já não se contentam em perseguir negros, vietnamitas ou turcos. Seu ódio se volta agora contra os deficientes físicos e as minorias sexuais. O país que derrubou o Muro de Berlim ergue agora outro muro da vergonha, pois prepara a expulsão de 300 mil estrangeiros e a aprovação de duras restrições à concessão de asilo político.

A França descobre que vai ter de conviver com a assombração de Jean-Marie Le Pen e seu ódio contra os negros e imigrantes.

A Espanha acaba de criar a divisão naval da Guarda Civil — a tropa de choque do franquismo — para conter à bala, se necessário, a entrada ilegal de imigrantes africanos pelo Estreito de Gibraltar.

Na Itália, os separatistas da Liga Lombarda querem que os italianos do Sul sejam considerados cidadãos de segunda classe.

Nos EUA, em novembro, milhões de eleitores tiveram de escolher entre dois candidatos. George Bush prometia apenas mais recessão e desemprego, no plano interno, e a continuidade de sua política imperial, no plano externo. O outro candidato, Bill Clinton, anunciava maciços investimentos na retomada da economia e na área social.

O eleito foi Clinton, que vem de anunciar US\$ 20 bilhões, uma repetição atual e moderna do "New Deal" de Roosevelt, para reativar a economia e criar empregos de emergência.

Na América Latina, a conta do florista é aterrorizante. Na Venezuela, duas tentativas de golpe de Esta-

do num país com uma tradição de estabilidade política de quase 40 anos. No Peru, o ditador Fujimori anuncia um plano de US\$ 420 milhões para tentar reativar uma economia saqueada.

No Brasil, o neoliberalismo já gerou seus ovos da serpente: recessão, desemprego, fome, miséria — com os arrastões —, racismo e separatismo. O governo exige agora a aprovação de um ajuste fiscal que lhe permita uma arrecadação extra de US\$ 12 bilhões em 93. Enquanto isso, os burocratas se esquecem (esquecem?) de que dois anos e meio de recessão provocaram perdas de US\$ 166 bilhões na produção das maiores empresas privadas e estatais do País. Com isso, o governo deixou de arrecadar US\$ 39,8 bilhões de Imposto de Renda e ICMS.

O Brasil descobriu a existência de algumas Somalias dentro do País. A pena de morte branca já existe. Menores são vítimas de um genocídio perverso e organizado. Aposentados morrem nas filas dos hospitais ou por falta de dinheiro para comprar Asmatron — remédio contra a asma —, que subiu 14.906% de janeiro a setembro deste ano, para uma inflação de 555% no mesmo período. E 45% das mulheres em idade fértil (7,5 milhões) se esterilizaram. No Maranhão, esse índice chegou a 79,8% das mulheres.

Em recente reunião com a bancada do PSB, o professor Paulo Furtado, do Ipea, comentou que a maior obra do governo collarido foi o "desmonte da nacionalidade". Afinal, é melhor ser imigrante clandestino nos EUA do que pesquisador científico no País.

Resta saber se o novo governo terá vontade política para retomar o

desenvolvimento. Hoje, só nos restam duas alternativas: crescimento ou um pavoroso apartheid social.

Juros altos, recessão, desemprego e confisco de salários só eternizarão a recessão e nos levarão ao século 21 como um sítio produtor de banana-d'água.

Um programa mínimo de desenvolvimento pode ser resumido em dois pontos: criação de empregos e investimentos na educação e saúde públicas.

Mais do que em máquinas, o Brasil precisa investir em tecnologia humana, principalmente na educação e saúde. Um trabalhador faminto está apenas se canibalizando enquanto puder produzir. Depois, vai viver da mendicância.

Japão e Coreia do Sul só se tornaram gigantes econômicos porque investiram, maciçamente, no bem-estar da cidadania.

Em 1932, ao se eleger presidente, Roosevelt anunciou um programa de retomada do desenvolvimento, mas seus opositores alegavam que isso provocaria um brutal aumento da dívida interna e tentaram bloquear seus esforços. Quando veio Pearl Harbour, Roosevelt aumentou a dívida interna quatro vezes, lançando os bônus de guerra. Quando se fez a paz, os EUA eram a maior potência do mundo.

Se houver vontade política na retomada do desenvolvimento, todos se surpreenderão com as empresas — e empregos — que irão aparecer.

O Brasil não pode esperar mais. A conta do florista está cada vez mais aterrorizante.

■ Célio de Castro, médico, líder do PSB na Câmara dos Deputados, é vice-prefeito eleito de Belo Horizonte